

REPRESENTAÇÕES FEMININAS EM GRANDE SERTÃO: VEREDAS**FEMININE REPRESENTATIONS IN GRANDE SERTÃO: VEREDAS**

DOI 10.20873/ufft2179-3948.2023v14n3p34-49

Lianja Soares Aquino¹**Antonio Adailton Silva²**

Resumo: Neste estudo das representações femininas em *Grande Sertão: Veredas* de João Guimarães Rosa, analisamos os papéis de Diadorim, Nhorinhá e Otacília na perspectiva de Riobaldo, evidenciando posições socialmente subversivas ou submissas. Fundamentamos a análise no materialismo histórico-dialético, com contribuições de Bosi e Foucault, e na teoria de gênero, incorporando perspectivas de Butler, Federici e Hooks. Nossas investigações revelam que a personagem submissa é escolhida por Riobaldo como esposa. Contudo, para aquelas que desafiam esse padrão, suas narrativas frequentemente terminam em tragédias, como morte ou abandono.

Palavras-chave: gênero feminino; *Grande Sertão: Veredas*; representações de gênero.

Abstract: In this study of feminine representations in *Grande Sertão: Veredas* by João Guimarães Rosa, we analyze the roles of Diadorim, Nhorinhá and Otacília from Riobaldo's perspective, highlighting socially subversive or submissive positions. We base the analysis on dialectical historical materialism, with contributions from Bosi and Foucault, and on gender theory, incorporating perspectives from Butler, Federici and Hooks. Our investigations reveal that the submissive character is chosen by Riobaldo as his wife. However, for those who defy this pattern, their narratives usually end in tragedies, such as death or abandonment.

Keywords: feminine gender; *Grande Sertão: Veredas*; gender representations.

Introdução

Escrito por João Guimarães Rosa, *Grande Sertão: Veredas* é um clássico da literatura brasileira com uma diversidade de temas que já foram e podem ser explorados e analisados em diferentes momentos da história. Concordamos, assim, com Calvino (2007, p. 11), para quem

¹ Mestre em Letras pela Universidade Federal do Norte do Tocantins (UFNT). Professora. E-mail: lianja@gmail.com. ORCID: <https://orcid.org/0009-0002-5618-0277>.

² Mestre e doutor em Letras pela Universidade Federal do Norte do Tocantins. Técnico de Ensino Médio na Superintendência Regional de Educação de Araguaína. E-mail: antonioadailton@educ.to.gov.br. ORCID: <https://orcid.org/0009-0003-0753-2560>.

“toda releitura de um clássico é uma leitura de descoberta como a primeira”. Considerando o atual contexto, no qual muito se discute sobre feminismo e caminha-se em direção a discursos mais igualitários em relação às representações dos sujeitos na sociedade, refletir sobre o papel da mulher nessa obra é relevante para pensarmos o que significam essas representações atualmente.

A reflexão aqui proposta tem como foco três personagens femininas: Diadorim, Otacília e Nhorinhá. A análise das representações tem como base a perspectiva de Riobaldo, narrador e protagonista da obra, sobre os diferentes papéis e destinos que cada uma dessas mulheres possui. O objetivo é (re)pensar, a partir de uma perspectiva masculina, a de Riobaldo, os papéis predeterminados para o gênero feminino e o lugar ocupado pelas mulheres, dependendo da performance de cada uma dessas personagens.

Por dialogar intimamente com o cotidiano e retratar situações, sensações, sentimentos, viés social, político e filosófico de uma sociedade, “a literatura confirma e nega, propõe e denuncia, apoia e combate, fornecendo a possibilidade de vivermos dialeticamente os problemas” (CANDIDO, 1995, p. 243). Ao possibilitar essa análise crítica do cotidiano, situações podem ser ressignificadas, conforme o contexto do leitor e suas experiências literárias ao longo da vida.

Nesse ínterim, torna-se relevante a leitura e releitura de obras literárias, pois possibilita, além da ressignificação de sentidos, a promoção da alteridade. É defensável, portanto, que o ato de ler e discutir literatura seja uma prática em sala de aula, também como um “instrumento poderoso de instrução e educação” (CANDIDO, 1995, p. 243). Tão relevante quanto o contato com obras literárias é a realização de uma leitura crítica e autônoma delas, sendo o leitor parte imprescindível desse processo, na produção de sentidos.

Dada a subjetividade de cada leitor, a releitura de uma obra literária possibilita sempre uma leitura acrescida de novos significados. É o que ocorre em *Grande Sertão: Veredas*, cujo autor, mesmo utilizando uma linguagem informal, consegue “universalizar mensagens e formas de pensar do sertanejo [...]” (BOSI, 2006, p. 141). Desse modo, a relevância dessa obra não está apenas no que diz respeito à sua estética experimental; os sentimentos e conflitos compartilhados transcendem demarcações geográficas e de linguagem. Essas características a tornam universal, pois os sentimentos e papéis representativos podem se fazer presentes em toda a sociedade.

A literatura, mais especificamente a poesia clássica, é caracterizada pela ficção. Isso não significa que ela seja indiferente ao mundo e às pessoas que nele vivem, ao período aquém e além daquele em que a obra foi produzida e às ideologias. Ela é uma representação do mundo, mas sem pretensões de fazer o que a história intenta. Ela é ficcional e persegue objetivos que a diferenciam de um texto histórico. Por ser uma representação, como tal, marca uma época e um pensamento em relação aos temas sobre os quais se propõe discorrer.

Ao ler uma obra literária, as experiências podem ser diversas, sejam elas relacionadas à linguagem, aos costumes, ou a lugares ainda não explorados. A competência discursiva e o conhecimento sobre o ser humano tornam-se amplos em relação aos conceitos pré-formados, e isso tende a se refletir nas performances do sujeito-leitor, que se torna protagonista de sua própria história. Nessa perspectiva, pensar as representações femininas presentes na obra é oportunizar a reflexão acerca dos papéis que as pessoas desse gênero desempenham e dos lugares costumeiramente atribuídos a elas nos diferentes grupos sociais, pois o gênero:

[...] não é uma simples categoria analítica; ele é, como as intelectuais feministas têm crescentemente argumentado, uma relação de poder. Assim, padrões de sexualidade feminina são, inescapavelmente, um produto de poder dos homens para definir o que é necessário e desejável – um poder historicamente enraizado (LOURO, 2000, p. 40).

Enquanto produto de poder, o gênero, segundo o modo como esse conceito é construído e compartilhado nas instâncias mais dominantes da sociedade, é determinado ainda na barriga da mãe. O poder, como Foucault esclarece (2013, p. 12), “não é um objeto natural, uma coisa; é uma prática social e, como tal, constituída historicamente”. Portanto, ao nascer e ter seu sexo identificado, um indivíduo passa a ser subjetivado, com diversas funções que são explicitamente inculcadas ou tacitamente assumidas. A uma pessoa do sexo masculino é ensinado que deve se casar com alguém do sexo feminino e depois procriar. Essa estrutura familiar, culturalmente adotada, padroniza as relações e fortalece os alicerces para manter o estatuto social.

Nessas situações, há, portanto, o controle dos corpos, tanto para o gênero feminino quanto para o masculino, em uma relação binária. Nesse tipo de relação:

Os homens têm mais possibilidade de ação, mais liberdade de escolha do que as mulheres é verdade, mas esta liberdade se exerce sob rígidos parâmetros. Se na construção da imagem do macho nordestino, por exemplo, o controle e a submissão da mulher são importantes, o controle sobre o comportamento dos homens não é menor: qualquer um que apresente um comportamento efeminado, que se vista com roupas pouco masculinas, ou é visto freqüentemente com amigos homens e nunca com mulheres é uma vítima potencial do código de conduta que regula a masculinidade aceita e reconhecida (TORRÃO FILHO, 2016, p. 142).

Segundo esse modelo binário de gênero, cada sujeito é identificado por um dos sexos. A partir dessa identificação, é esperado que se caracterize e atue performativamente em consonância com práticas predefinidas. A mulher assume funções específicas delegadas para o gênero feminino, enquanto o homem assume as suas, na condição de gênero masculino. Nesse sentido, Foucault adverte que:

Não existe uma estratégia única, global, válida para toda a sociedade e uniformemente referente a todas as manifestações do sexo: a ideia, por exemplo, de muitas vezes se haver tentado, por diferentes meios, reduzir todo o sexo à sua função reprodutiva, à sua forma heterossexual e adulta e à sua legitimidade matrimonial não explica, sem a menor dúvida, os múltiplos objetivos visados, os inúmeros meios postos em ação nas políticas sexuais concernentes aos dois sexos, às diferentes idades e às classes sociais (FOUCAULT, 2018, p. 112-113).

Contudo, essas funções, ou melhor, as representações de gênero, quando dissociadas do modelo preestabelecido, ainda são objeto de muita polêmica, principalmente, em sociedades fortemente fundamentadas em religiões monoteístas, como é o caso do Brasil, que é majoritariamente cristão. Por decorrência, esse modelo está presente em todo o contexto histórico e cultural da sociedade, prevalecendo, sobretudo, uma norma segundo a qual alguns grupos de pessoas não precisam ser nomeados, ao passo que outros, não se enquadrando dentro desses modelos estabelecidos e socialmente aceitos, são nomeados.

Em nossa sociedade, a norma que se estabelece, historicamente, remete ao homem branco, heterossexual, de classe média urbana e cristão e essa passa a ser a referência que não precisa mais ser nomeada. [...] Dessa forma, a mulher é representada como ‘o segundo sexo’ e gays e lésbicas são descritos como desviantes da norma heterossexual (LOURO, 2000, p. 9).

Sobre gênero binário, Butler (2008, p. 45) explicita que este “não só pressupõe uma relação causal entre sexo, gênero e desejo, mas sugere igualmente que o desejo reflete ou exprime o gênero, e que o gênero reflete ou exprime o desejo”. Em outras palavras, o desejo é relegado para segundo plano em relação ao que já está materializado, ou seja, o corpo está, ou deveria estar, ligado ao desejo e às funções.

No sertão representado por Guimarães Rosa, o gênero masculino detém a supremacia. O contexto, cujo espaço abrange as regiões do interior de Minas Gerais, Goiás e Bahia, e cujo tempo situa-se entre os séculos XIX e XX, indica que se trata de um ambiente onde as marcas de uma sociedade branca, cristã e patriarcal estão fortemente presentes. Nesse caso, é difícil conceber um lugar para as mulheres no que diz respeito à igualdade de direitos ou onde elas possam usufruir dos privilégios masculinos, já que são condenadas pelo próprio discurso

religioso. Um desses privilégios é a infidelidade matrimonial à qual o homem se arroga, ainda que tacitamente.

Esse sertão pode ser visto como um espaço no qual, para um homem, ter mais de uma mulher, ou manter relações com várias mulheres, não é encarado tão gravemente quanto no caso de uma mulher, à qual se espera o atributo da “honestidade”, ter envolvimento com vários homens. Um exemplo disso é a personagem Otacília, que aguarda pacientemente Riobaldo voltar de suas viagens para casar-se com ele. Cada uma, à sua própria maneira – talvez pela intensa força dos mecanismos sociais que estabelecem o homem como provedor e a mulher como dependente desse provedor – coloca-se em condição de submissão ao homem, como será demonstrado a seguir.

1 Diadorim

Filha de Joca Ramiro, o mais respeitado chefe dos jagunços, valente e determinada, deixa os laços de fita e as saias em troca de roupas de couro e de um cavalo para percorrer, de armas em punho, os caminhos dos sertões. Assume uma identidade masculina e, com ela, segue junto aos jagunços. Diadorim guarda segredos. Por debaixo de suas vestimentas, tem um corpo feminino e uma paixão sufocada por Riobaldo, jagunço e parceiro de bando. Riobaldo também sente uma estima especial por Diadorim e divaga, em algumas passagens do romance, sobre esse sentimento.

Assim, uns momentos, ao menos eu guardava a licença de prazo para me descansar. Conforme pensei em Diadorim. Só pensava era nele. Um João-de-Barro cantou. Eu queria morrer pensando em meu amigo Diadorim, mano-oh-mão, que estava na Serra do Pau-d’Arco, quase na divisa baiana, com nossa outra metade dos sô-candelários... Com meu amigo Diadorim me abraçava, sentimento meu ia voava reto para ele... Ai, arre, mas: que esta minha boca não tem ordem nenhuma. Estou contando fora, coisas divagadas (ROSA, 2006, p. 21).

Apesar de não ser o fio condutor da história, os pensamentos e situações entre Diadorim e Riobaldo permeiam toda a narrativa. Amizade, desejo e representações do gênero masculino são os focos principais. Em Diadorim, apesar da rudeza de um jagunço, existe a sensibilidade contemplativa na observação dos pássaros, por exemplo, nos momentos de calma entre um conflito e outro, entre uma travessia e outra. Por intermédio de Diadorim, Riobaldo começa a perceber os pequenos fenômenos e a sentir prazer nesses momentos, às vezes se permitindo fantasiar ao som do canto do pássaro João-de-Barro.

Tal sensibilidade é geralmente atribuída ao gênero feminino. Homem, diz o senso comum, “não chora”. O gênero masculino tem sido esse sinônimo de força física e controle emocional. Nesse quesito, Diadorim, mulher, mas desempenhando o papel de homem, transgrediu, pois em nenhum momento deixa de lutar por medo. Usa força física, contudo, sem deixar de sensibilizar-se ao som dos pássaros. Esse modo de agir, mesclando as duas representações socialmente predeterminadas para os gêneros masculino e feminino, chama a atenção de Riobaldo, por conter elementos em Diadorim que não fazem parte de seu repertório social de representações predefinidas para o gênero masculino.

Tanto para as pessoas de gênero masculino quanto para as de gênero feminino, existe o que chamamos de “performance”: papéis socialmente predefinidos. Esses papéis são constituídos culturalmente e, apesar dos discursos sobre igualdade e liberdade, inevitavelmente se consolidam e se reafirmam na estrutura burguesa de família e costumes.

Diadorim estava me esperando. Ele tinha lavado minha roupa: duas camisas e um paletó e uma calça, e outra camisa, nova, de bulgariana. Às vezes eu lavava a roupa, nossa; mas quase mais quem fazia isso era Diadorim. Porque eu achava tal serviço o pior de todos, e também Diadorim praticava com mais jeito, mão melhor (ROSA, 2006, p. 35).

A prática de trabalhos domésticos é geralmente considerada e socialmente aceita como algo inerente à natureza feminina. Não gostar ou recusar-se a desempenhar essas funções, não apenas para Riobaldo, mas também para a sociedade, ainda é, apesar dos esforços dos movimentos feministas, um privilégio masculino. Para além de ser uma escolha, esse trabalho não remunerado ainda é mantido sob a falácia de ser algo natural, quando, na realidade, é um trabalho que é ensinado às mulheres desde a infância, preparando-as para cuidar da casa, do marido e dos filhos.

[...] não existe nada natural em ser dona de casa, tanto que são necessários pelo menos vinte anos de socialização e treinamentos diários, realizados por uma mãe não remunerada, para preparar a mulher para esse papel, para convencê-la de que crianças e marido são o melhor que ela pode esperar da vida (FEDERICI, 2019, p. 43).

Em *O ponto zero da revolução: trabalho doméstico, reprodução e luta feminista*, Silvia Federici preocupa-se em demonstrar não apenas como o trabalho é naturalizado para o gênero feminino, mas também de que forma a manutenção desse trabalho não remunerado serve ao capital. Segundo ela, “o capital tinha que nos convencer de que o trabalho doméstico é uma atividade natural, inevitável e que nos traz plenitude, para que aceitássemos trabalhar sem remuneração” (FEDERICI, 2019, p. 42-43).

Assim, enquanto homens trabalham fora de casa em empregos remunerados, as mulheres em casa, com o trabalho doméstico não remunerado, garantem a manutenção do sistema capitalista, realizando tarefas como lavar, cozinhar e cuidar dos filhos para que os maridos possam trabalhar tranquilamente, sem essas preocupações. Isso pode ser observado em *Grande Sertão: Veredas*, quando Diadorim assume, além das responsabilidades destinadas aos homens, os trabalhos domésticos, pois ela os executa com maior “eficiência”. Os trabalhos domésticos e de cuidado com os outros, que geralmente são realizados por mulheres, frequentemente são invisíveis e, mesmo que não sejam remunerados, produzem a força de trabalho – produto mais valioso do mercado capitalista. Sobre trabalho doméstico e manutenção de um sistema patriarcal e capitalista, Federici explica que

O trabalho doméstico é muito mais do que limpar a casa. É servir aos trabalhadores física, emocional e sexualmente, preparando-os para o trabalho dia após dia. É cuidar das nossas crianças – os trabalhadores do futuro –, amparando-as desde o nascimento e ao longo da vida escolar, garantindo que o seu desempenho esteja de acordo com o que é esperado pelo capitalismo (FEDERICI, 2019, p. 68).

Além das características femininas no campo do trabalho doméstico, Riobaldo também observa as características físicas de Diadorim: “tão bonitos braços alvos, em bem feitos, e a cara e as mãos avermelhadas e empoladas, de picadas das mutucas” (ROSA, 2006, p. 35). Essa admiração, presente em muitas passagens da narrativa, é vista como algo proibido ou como uma tentação do demônio, já que é quase incontrolável. Mesmo negando, Riobaldo surpreende-se pensando e admirando Diadorim:

Guardei os olhos, meio momento, na beleza dele, guapo tão aposto – surgido sempre com o jaleco, que ele tirava nunca, e com as calças de vaqueiro, em couro de veado macho, curtido com aroeira-brava e campestre. De repente, uma coisa eu necessitei de fazer. Fiz: fui e me deitei no mesmo dito pelego, na cama que ele Diadorim marcava no capim, minha cara posta no próprio lugar. Nem me fiz caso do Garanço, só com o violeiro somei (ROSA, 2006, p. 175).

A amizade entre Diadorim e Riobaldo vai além das convencionais, pois envolve uma profunda afetividade e um desejo pelo corpo do outro, incluindo a vontade de se aproximar e sentir o cheiro um do outro, por exemplo. Os laços que se tornam cada vez mais estreitos, não são mais disfarçados. No trecho supracitado, é perceptível que Riobaldo já não se importa com a presença de Garanço, ou seja, ele não teme mais que outro colega do bando perceba a existência de uma possível relação afetiva entre ele e Diadorim. No entanto, quando esses momentos de espontaneidade ocorrem, Riobaldo repreende a si mesmo, questionando: “De

Diadorim eu devia de conservar um nôjo. De mim, ou dele? As prisões que estão refinçadas no vago, na gente” (ROSA, 2006, p. 316).

Mesmo desejando ficar mais próximo de Diadorim, Riobaldo não se atreve a tocar em seu corpo. Ele percebe o desejo que sente como repulsivo, em virtude de Diadorim ser um jagunço. Nesse ínterim, tanto a desconfiança em relação a uma possível relação afetiva com Riobaldo quanto a descoberta da verdadeira identidade de Diadorim seriam uma afronta à masculinidade daqueles homens que, impulsionados pela força, cavalgavam com dedos no gatilho, trilhando seus caminhos e encontrando descanso nos braços das prostitutas escolhidas quando ansiavam por prazeres carnavais.

Como maneira de viver o que desejava e evitar confronto com esses homens, Diadorim abdicou de sua identidade feminina para pertencer ao bando. Ela manteve sua verdadeira identidade em segredo, mesmo que isso significasse renunciar à possibilidade de um relacionamento com Riobaldo, por quem tinha sentimentos guardados em silêncio e manifestava ciúmes ao tomar conhecimento dos encontros com Otacília e Nhorinhá.

Diadorim tinha como alternativa usar a imaginação para explorar o que não era declarado e explicitamente assumido. Nos momentos de descanso, ao som dos pássaros e da correnteza dos rios, ela refletia sobre o sentimento que nutria por Riobaldo. Esse sentimento, mantido em segredo, era compartilhado por Riobaldo:

De Diadorim ter vindo, e ficar esbarrado ali, esperando meu acordar e me vendo meu dormir, era engraçado, era para se dar feliz risada. Não dei. Nem pude nem quis. Apanhei foi o silêncio dum sentimento, feito um decreto: – Que você em sua vida toda por diante, tem de ficar para mim, Riobaldo, pegado em mim, sempre!... – que era como se Diadorim estivesse dizendo (ROSA, 2006, p. 289).

Considerando o fato de ambos compartilharem do mesmo espaço masculino, no qual as performances são as preestabelecidas para seus respectivos gêneros, vários artigos têm trazido à discussão a possibilidade de uma relação homoafetiva entre Riobaldo e Diadorim. O fato de Riobaldo admirar, desejar e constantemente imaginar a presença de Diadorim, mesmo desconhecendo sua identidade feminina, justifica o debate sobre esse tema. No entanto, vale ressaltar que, embora não seja o foco central deste trabalho, a homoafetividade é um tabu em *Grande Sertão: Veredas*, pois foge das normas sociais aceitas nesse contexto machista, no qual os afetos deveriam se restringir à relação entre o homem e a mulher.

Toda tentativa de escapar de um sistema machista, tanto no contexto da obra quanto na sociedade em geral, representa uma transgressão das regras socialmente aceitas. O medo que

Riobaldo sente de tocar e se aproximar de Diadorim é, também, o medo da exclusão, da repressão e da não aceitação dessa conduta pelo grupo ao qual pertence. Tudo que escapa às representações preestabelecidas para o homem, ou para a mulher, encontra muita resistência em um sistema patriarcal, machista e cristão. Essa resistência é o que leva Riobaldo a manter em segredo seus sentimentos por Diadorim.

Ainda que, ao sentir desejo, Riobaldo infrinja as regras do sistema patriarcal, ele corrobora desse sistema ao eleger como traços que o atraem em Diadorim, justamente, aqueles dos quais as performances são femininas: a dedicação aos trabalhos manuais, o cuidado com a barba do amigo, o gosto pelo canto dos pássaros e a habilidade de lavar as roupas. Contudo, o fato de Diadorim ser um jagunço causa conflitos em Riobaldo, que, em diversos momentos, conjectura abandonar a vida de jagunço para viver livremente ao lado de Diadorim, longe do contexto ao qual ele vê como opressor.

Mas pude ter a língua sofreada. – ‘Vamos embora daqui, juntos, Diadorim? Vamos para longe, para o porto do de-Janeiro, para o sertão do baixio, para o Currealim, São-Gregório, ou para aquele lugar nos gerais, chamado Os-Porcos, onde seu tio morava...’ De arrancar, de meu falar, de uma sede (ROSA, 2006, p. 182-183).

Apesar de conhecer o desfecho da história, em que Diadorim é revelada como mulher, o narrador cria um suspense ao contar e descrever os detalhes desse lado feminino, talvez para explicar ao destinatário de sua narrativa como todos esses fatores podem ter contribuído para o fortalecimento do sentimento que o protagonista sentia por aquela pessoa enigmática.

Diadorim burlou o sistema dos jagunços ao vestir-se como homem e ocultar a sua identidade. Além disso, invadiu o cotidiano de um grupo masculino, demonstrando em diversos momentos da narrativa uma coragem que, geralmente é atribuída apenas ao gênero masculino. Diadorim decidiu, por uma causa particular, viver performando papéis masculinos e, no final, morreu como um dos homens do bando.

2 Nhorinhá

Nhorinhá representa a beleza e uma fonte de prazer carnal na qual o homem sacia seus desejos. Ela veste roupas vermelhas e está sempre perfumada. É descrita como a alegria dos viajantes que buscam descanso após um dia de trabalho. Para Riobaldo, Nhorinhá representa mais do que isso. A relação entre eles ultrapassa os limites do prazer orgástico. Ele sempre se lembra de Nhorinhá com ternura, ao contrário do modo como os outros jagunços se referem às prostitutas.

Distintamente do que ocorre em sua relação com Diadorim, o desejo de Riobaldo é saciado com Nhorinhá, pois o ato sexual foi consumado. Mais do que em planos e em sonhos, há a concretização do toque no corpo, sem temores, nem preconceitos. Os sentimentos de Riobaldo são vastos e ele chega a afirmar que “[...] a flor do amor tem muitos nomes. Nhorinhá prostituta, pimenta-branca, boca cheirosa, o bafo de menino-pequeno. Confusa é a vida da gente” (ROSA, 2006, p. 190). Nhorinhá representa um bom acolhimento, passageiro, mas que deixou lembranças agradáveis em Riobaldo.

Então eu entrei, tomei um café coado por mão de mulher, tomei refresco, limonada de pêra-do-campo. Se chamava Nhorinhá. Recebeu meu carinho no cetim do pêlo – alegria que foi, feito casamento, esponsal. Ah, a mangaba boa só se colhe já caída no chão, de baixo... Nhorinhá. Depois ela me deu de presente uma presa de jacaré, para traspasar no chapéu, com talento contra mordida de cobra; e me mostrou para beijar uma estampa de santa, dita meia milagrosa. Muito foi (ROSA, 2006, p. 33).

Nessa passagem, é novamente reafirmado que trabalhos referentes a assuntos domésticos, como a preparação do café, são realizados “melhor” por mulheres. No caso de Nhorinhá, o trabalho principal a desempenhar é o sexual, é o de satisfazer os desejos de homens trabalhadores, cansados. É o de servir, com alegria, os jagunços. Em um ambiente machista, a questão sobre os papéis de uma prostituta poderia ser questionável, justamente por existirem preceitos cristãos que proíbem o sexo antes do casamento.

No entanto, em *Calibã e a Bruxa: mulheres, corpo e acumulação primitiva*, Federici explica o processo de institucionalização da prostituição e como a Igreja corroborou a ideia de necessidade de prostíbulos no século XV. Nesse período, a autora discorre que houve muitos estupros coletivos na cidade de Veneza, vitimando principalmente mulheres de classe baixa. Os estupros eram cometidos por jovens e filhos de famílias ricas, o que gerou revolta entre o proletariado, ameaçando um levante em defesa dessas mulheres.

Com o intuito de dissipar o protesto dos trabalhadores, foi “institucionalizada a prostituição e implementada a partir do estabelecimento de bordéis municipais que logo proliferaram por toda a Europa. [...] O bordel municipal também era considerado um remédio contra a homossexualidade” (FEDERICI, 2017, p. 105). Nesse ínterim, a prostituição foi reconhecida como um serviço público.

As prostitutas agora podiam abordar seus clientes em qualquer parte da cidade, inclusive na frente da igreja e durante a missa. [...] Até mesmo a Igreja chegou a ver a prostituição como uma atividade legítima. Acreditava-se que o bordel administrado pelo Estado provia um antídoto contra as práticas sexuais orgiásticas das seitas hereges, e que era um remédio para sodomia, assim como também era visto como um meio para proteger a vida familiar (FEDERICI, 2017, p. 106).

A história da institucionalização dos prostíbulos demonstra com que propósito surgiram as casas de prostituição no século XV: satisfazer os desejos sexuais masculinos – de homens ricos –, sem comprometer a organização social familiar patriarcal. Esses lugares resistiram ao tempo e possivelmente atendem a outros propósitos atualmente. No entanto, pouca coisa mudou em relação ao que se espera dos papéis a serem desempenhados por uma prostituta. Esses papéis ainda a restringem do âmbito familiar, como no século XV.

Um exemplo disso é Nhorinhá, uma personagem retratada por Riobaldo como um quadro alegre, representado pelo seu sorriso, e de luxúria, caracterizada pela cor vermelha de suas vestes: “ao que num portal, vi uma mulher moça, vestida de vermelho, se ria” (ROSA, 2006, p. 33). Esse retrato a coloca em contraste com Otacília, que será detalhada adiante. Otacília representa a esposa fiel em um relacionamento patriarcal, da qual não se espera que tenha outros parceiros além do marido, ao contrário de Nhorinhá.

Bom, quando há leal, é amor de militriz. Essas entendem de tudo, práticas da bela-vida. Que guardam prazer e alegria para o passante; e, gostar exato das pessoas, a gente só gosta, mesmo, puro, é sem se conhecer demais socialmente... Eu chegasse de noite, e elas estavam com casa alumiada, para me admitir. Como que o amor geral conserva a mocidade, digo – de Nhorinhá, casada com muitos, e que sempre amanheceu flor (ROSA, 2006, p. 525).

Mesmo com todo o sentimento e carinho que Riobaldo sentia por Nhorinhá e por Diadorim, apesar de todas as declarações em pensamento sobre a pele delicada de Diadorim e o cheiro bom de Nhorinhá, é, todavia, com Otacília que ele decide casar-se. A escolha por Otacília está legitimada pelas convenções e permissões sociais, o que sugere ter peso nas escolhas de Riobaldo o que as normas socialmente aceitas preestabelecem, nas quais se encaixam os papéis desempenhados por Otacília.

Otacília não somente era mulher, mas desempenhava os papéis esperados para o gênero feminino aos olhos de todos. Era considerada uma mulher “honesta”, adequada para casar e constituir uma família. Diadorim, para todos os efeitos, apesar de possuir atributos femininos visíveis, a despeito do segredo que fazia questão de guardar, era reconhecido como homem e jagunço. Ele representava, portanto, uma espécie de “fruto proibido”, pelo qual Riobaldo optou por não ceder à tentação de atender aos seus desejos e sentimentos – aparentemente a única forma de resolver aquele dilema.

3 Otacília

Otacília é a personagem cuja representação é a da mulher ideal para ser a companheira de um homem, segundo a tradição da sociedade conservadora e patriarcal. No trecho da obra, no qual é narrada a percepção de Riobaldo em relação a Otacília, no primeiro instante em que a viu, percebe-se, pela descrição, pois não houve diálogo entre eles, o estereótipo de mulher “pura” que povoa o imaginário masculino, levando-o ao querer tê-la:

[...] eu divulguei, qual que uma luz de candeia mal deixava, a doçura de uma moça, no enquadro da janela, lá dentro. Moça de carinha redonda, entre compridos cabelos. E, o que mais foi, foi um sorriso. Isso chegasse? Às vezes chega, às vezes. Artes que morte e amor têm paragens demarcadas. No escuro. Mas senti: me senti. Águas para fazerem minha sede. Que jurei em mim: a Nossa Senhora um dia em sonho ou sombra me aparecesse, podia ser assim – aquela cabecinha, figurinha de rosto, em cima de alguma curva no ar, que não se via. Ah, a mocidade da gente reverte em pé o impossível de qualquer coisa! Otacília. O prêmio feito esse eu merecia? (ROSA, 2006, p. 158).

As marcas presentes na descrição de Riobaldo concernem ao ideal da mulher perfeita para ser esposa. As características físicas presentes na descrição revelam a crença em uma relação entre o físico e uma personalidade idealizada: docilidade, cabelos compridos, sorriso, aspecto de Nossa Senhora. Essas idealizações são construídas para a manutenção do controle dos corpos das mulheres, de forma a mantê-las numa posição submissa em relação aos homens.

Nesse sentido, a preferência por essa mulher dócil – não questionadora da dinâmica patriarcal dominante –, futura cuidadora das tarefas do lar e do marido, serve à manutenção de dinâmicas socioculturais que priorizam as vontades e necessidades masculinas, em detrimento dos reais desejos e vontades de mulheres que não querem ou não desempenham os mesmos papéis performados por Otacília.

Mesmo que Riobaldo, em alguns momentos, tenha desejado viver para sempre ao lado de Diadorim e expresse o amor sentido por Nhorinhá, Hooks (2021, p. 82) lembra que “a masculinidade patriarcal exige que meninos e homens não só se vejam como mais poderosos e superiores às mulheres, mas que façam o que for preciso para manter sua posição de controle.” No caso de Riobaldo, a escolha por casar-se com Otacília, e não com Diadorim ou Nhorinhá, reflete o que se espera para a manutenção da posição do gênero masculino no contexto da obra. A perfeição de Otacília, atestada por Riobaldo, em função do seu imaginário de mulher pacata, honesta e rara, faz o jagunço denunciar o real significado de vir a ter alguém com tais características: um prêmio muito valioso ao qual não é qualquer homem que faz jus, o que revela também a ideia de posse.

A ideia de casamento é colocada como uma questão prioritária para aquelas famílias com mulheres do perfil de Otacília. Como costume, era comum ser cultivada na porta de casa, propositalmente, uma planta cuja flor induz à verbalização do anseio da união matrimonial, em forma de pergunta e de resposta. Induzido, Riobaldo toma a iniciativa.

Indaguei o nome da flor.

– ‘Casa-comigo...’ – Otacília baixinho me atendeu. E, no dizer, tirou de mim os olhos; mas o tiritozinho de sua voz eu guardei e recebi, porque era de sentimento. Ou não era? Daquele curto lisim de dúvidas foi que minou meu maisquerer. E o nome da flôr era o dito, tal, se chamava – mas para os namorados respondido somente. Consoante, outras, as mulheres livres, dadas, respondem: – ‘Dorme-comigo...’ (ROSA, 2006, p. 190).

Riobaldo esclarece que a resposta de Otacília pertence a mulheres “direitas”, que desejam, de fato, constituir uma família. Para Hooks (2021, p. 83), “a obediência à dominação masculina exige que homens que adotam esse pensamento mantenham o domínio sobre as mulheres [...]. Trata-se de uma forma de coerção socialmente aceita.” Dessa forma, a resposta das outras revela para Riobaldo um caráter mundano, pois a intenção expressa em “dorme-comigo” indicaria que não possuem as características idealizadas, esperadas de uma mulher para ser esposa.

Não se entregar às armas como Diadorim, nem aos prazeres da carne como Nhorinhá, parece ser o ideal da mulher designada para constituir uma família, cujo papel é casar, procriar, cuidar do lar e ser fiel ao marido.

Otacília penteando compridos cabelos e perfumando com óleo de sete-amores, para que minhas mãos gostassem deles mais. E Otacília tomando conta da casa, de nossos filhos, que decerto íamos ter. Otacília no quarto, rezando ajoelhada diante de imagem, e já aprontada para a noite, em camisola fina de ló. Otacília indo por meu braço às festas da cidade, vaidosa de se feliz e de tudo, em seu vestido novo de molmol (ROSA, 2006, p. 377-378).

Moça virgem e de família, foi com Otacília que Riobaldo se comprometeu a se casar quando voltasse de suas andanças pelo sertão. Lembrada sempre com muito respeito, ela corresponde à mulher que deverá guardar-se para o amor e para as carícias do futuro marido.

Em relação às duas primeiras personagens, Riobaldo demonstra um carinho declarado por ambas. Com Diadorim, ele aprende sobre os pássaros e deseja estar mais próximo, mas não desenvolve um relacionamento mais profundo devido ao tabu que impõe a proibição da união de pessoas do mesmo gênero. Quanto a Nhorinhá, lembrada como “aquela que as outras prostitutas não davam nem para lavar os pés dela” (ROSA, 2006, p. 525), não há um compromisso sério devido ao tabu que considera as prostitutas impuras. No entanto, em relação

a Otacília, Riobaldo declara: “Toda moça é mansa, é branca e delicada. Otacília era a mais” (ROSA, 2006, p. 190). Nessa fala, Riobaldo deixa claro que há uma grande diferença em suas intenções com Otacília em comparação com as outras mulheres.

Eu tinha súbitas outras minhas vontades, de passar devagar a mão na pele branca do corpo de Diadorim, que era um escondido. E em Otacília, eu não pensava? [...] Nela, para ser minha mulher, aqueles usos-frutos. Um dia, eu voltasse para a Santa Catarina, com ela passeava, no laranjal de lá. Otacília, mel do alecrim. Se ela por mim rezava? Rezava. Hoje sei. E era nessas boas horas que eu virava para a banda da direita, por dormir meu sensato sono por cima de estados escuros (ROSA, 2006, p. 314).

Riobaldo escolheu Otacília para ser sua esposa. Era assim que ele imaginava viver seus últimos dias de vida: sob os cuidados de sua esposa e mãe de seus filhos, quando estivesse longe da jagunçagem. Otacília gostava dele e o esperou pacientemente por anos a fio, durante todo o tempo em que estiveram longe um do outro.

Na espera de Otacília por Riobaldo, há uma paciência que repousa na submissão da mulher, que não questiona. Os papéis de Otacília já foram traçados antes mesmo do casamento: ela seria a mulher a ser tocada apenas por um único homem; aquela que cuidaria dos filhos, da casa e do marido. Nessa distribuição de funções, há a limitação de se ver como agente de mudanças na rotina do relacionamento e do lar. Otacília representa a mulher que aceita as decisões tomadas pelo marido como se fosse uma extensão dos cuidados e vigilância que recebeu na casa de seu pai.

Essa vigilância tem a função de regular a sexualidade e de controlar os corpos, uma herança de uma tradição absolutista com raízes na tradição religiosa judaico-cristã. Até os anos de 1960, além da intervenção da igreja na manutenção e preservação da ideia de moral e bons costumes nas relações entre homens e mulheres, havia um código moral autoritário, no qual “as forças perturbadoras do sexo podem ser controladas apenas por uma moralidade muito cristalinamente definida, uma moralidade inscrita em instituições sociais: o casamento, a heterossexualidade, a vida familiar e a monogamia” (LOURO, 2000, p. 54).

Portanto, a regulação dos corpos possui características que se complementam: objetividade e subjetividade; público e privado. No caso específico da esfera religiosa, sua função concentra-se no plano da subjetividade e se fundamenta nos discursos religiosos para a manutenção da moral e dos bons costumes na vida privada dos indivíduos. Na esfera pública, a regulamentação e a determinação são de responsabilidade do Estado, por meio das leis.

Apesar da crescente tendência libertária em relação à sexualidade, que se opõe à ideia de controle absoluto, as questões sobre os modelos de família, de gênero e de sexualidade ainda

encontram resistência em várias esferas da sociedade, inclusive na escola e, em menor grau, na universidade. As tradições conservadoras que regulam os corpos ainda perpetuam os papéis de esposa ideal nos dias de hoje, como podemos ver, sobretudo, por meio da personagem Otacília, conforme Guimarães Rosa nos revela.

Considerações finais

Neste artigo, foram analisadas as representações femininas e suas peculiaridades dentro dos moldes tradicionais. Apesar de ser repetitivo, é importante mencionar que *Grande Sertão: Veredas* é uma obra grandiosa. A partir dela, podem ser feitas diversas análises, tanto no plano da linguagem quanto das temáticas abordadas ao longo da narrativa.

Em Diadorim, encontramos uma mulher que, ao assumir outra identidade, se vê forçada a renunciar ao amor de Riobaldo devido a essa escolha. Apesar de ser uma heroína, a personagem tem sua relevância ofuscada pela presença de Riobaldo, desempenhando um papel secundário na narrativa, embora seja responsável pelo grande feito na história: cumprir a vingança ao matar Hermógenes, o traidor, que era o principal alvo dos jagunços liderados por Riobaldo.

Nhorinhá, cultuada pela beleza e hospitalidade, desfruta de momentos agradáveis, apesar de curtos, ao lado de Riobaldo. Sente um grande afeto por ele, chegando a mandar-lhe uma carta apaixonada, talvez na esperança de construir laços mais sólidos. No entanto, sem êxito, continua com sua vida marginal, satisfazendo os homens que por ali passam.

Otacília é a personagem que exemplifica claramente a submissão das mulheres às determinações sociais. Ela é retratada como a esposa ideal, de acordo com os estereótipos mais comuns, cumprindo o papel de satisfazer o marido com cuidados que, em certos momentos da narrativa, se assemelham muito aos que tradicionalmente uma mãe tem para com o filho.

Apesar de as três mulheres fazerem parte significativamente da vida de Riobaldo, elas não tiveram o poder de escolha. A decisão final ficou a cargo de Riobaldo, que optou pelo estereótipo que melhor se encaixava nos modelos de família tradicionais daquele contexto. Ao casar-se com Otacília, ele encerrou o ciclo de sua vida como homem jagunço, que havia vivido sem uma companheira por anos, lutando nos sertões e considerando os prazeres carnavais como algo essencial. Agora, em sua velhice, ele tinha uma mulher pura e dedicada para cuidar dele até o fim de seus dias.

Dentre inúmeros fatores, a grandeza da trama é alcançada pela capacidade de explorar os questionamentos proporcionados pelo acesso aos pensamentos das personagens. Mesmo desempenhando papéis distintos, essas personagens tinham seus próprios desejos e ideologias, e constantemente enfrentavam as durezas de uma vida social que lhes era imposta, como foi o caso de Diadorim, Nhorinhá e Otacília. Essa força, apresentada e lapidada a cada trecho, potencializa muitas reflexões e é um aspecto que faz de *Grande Sertão: Veredas* uma obra que merece ser lida e relida, como todo clássico.

Referências

- BOSI, Alfredo. *História concisa da literatura brasileira*. 43. ed. São Paulo: Cultrix, 2006.
- BUTLER, Judith P. *Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade*. 2. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2008.
- CALVINO, Ítalo. *Por que ler os clássicos*. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.
- CANDIDO, Antonio. O direito à literatura. In: CANDIDO, Antonio (org.). *Vários Escritos*. Terceira edição revista e ampliada. São Paulo: Duas Cidades, 1995, p. 235-263.
- FEDERICI, Sílvia. *Calibã e a bruxa: mulheres, corpo e acumulação primitiva*. São Paulo: Elefante, 2017.
- FEDERICI, Sílvia. *O ponto zero da revolução: trabalho doméstico, reprodução e luta feminista*. São Paulo: Elefante, 2019
- FOUCAULT, Michel. *Microfísica do poder*. 27. ed. São Paulo: Graal, 2013.
- FOUCAULT, Michel. *História da sexualidade 1: A vontade de saber*. 7. ed. Paz e Terra: Rio de Janeiro/São Paulo, 2018.
- HOOKS, Bell. *Tudo sobre o amor: novas perspectivas*. São Paulo: Elefante, 2021.
- ISER, Wolfgang. *O ato da leitura*. Tradução de Johannes Kretschmer. São Paulo: Editora 34, 1996.
- LOURO, Guacira Lopes. *O corpo educado: pedagogias da sexualidade*. Tradução: Tomaz Tadeu da Silva. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2000.
- ROSA, João Guimarães. *Grande Sertão: Veredas*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2006.
- TORRÃO FILHO, Amílcar. Uma questão de gênero: onde o masculino e o feminino se cruzam. *Cadernos Pagu*, Campinas, n. 24, p.127-152, 2016. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/cadpagu/article/view/8644688>. Acesso em: 13 set. 2023.

*Recebido em 31 de julho de 2023
Aceito em 21 de novembro de 2023*